

Ministério

Uma Revista Para Pastores e Obreiros

Adventista

MÚSICOS "TEMPERAMENTAIS" DA IGREJA



ARTIGOS

6 A VITÓRIA DE COLHEITA 90

Carlos E. Aeschlimann

9 OS SERMÕES SÃO VISTOS

Floyd Bresee

10 O PLANO B

Karen Nuessle

12 SEGURANÇA: DEVER MINISTERIAL

Anne Elver

13 MÚSICOS "TEMPERAMENTAIS" DA IGREJA

Charlene Deming Scott

14 VÍTIMAS DE INCESTO PRECISAM DE SUA AJUDA

Júlia C. S. Vernon

22 CRIAÇÃO, REDENÇÃO E JUÍZO

Warren H. Johns

28 SANTIFICAÇÃO: VISTO PARA O CÉU

Prof. Juan Carlos Bentancor

Gerente Geral: Carlos Magalhães Borda; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa; **Editor:** Almir A. Fonseca;
Diretor de Arte: Urias P. Chagas; **Diagramação:** Jobson B. Santos; **Colaborador Especial:** Daniel Belvedere;
Colaboradores: João Wollf, Severino Bezerra, Pável Moura, Luís Nunes, Jefte de Carvalho;
Capa: A. Rios

Todo artigo ou qualquer correspondência para a revista O MINISTÉRIO ADVENTISTA devem ser enviados para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600 — 70279 — Brasília, DF. Editado bimestralmente pela CASA PUBLICADORA BRASILEIRA. Rodovia SP 127 — km 106 — Caixa Postal 34 — 18270 — Tatuí, SP.

É Você Um Líder de Cozinha?

“Meu marido exerce uma elevada posição na igreja. Ele trabalha tanto que não tem tempo para estudar a Bíblia. Quando chega do escritório, ele se relaxa vendo televisão ou lendo *Seleções*. Ele mal consegue ler a Lição da Escola Sabatina... Observo essa falta de profunda espiritualidade no escritório.” Assim diz parte de uma carta que chegou a nosso escritório.

Conheço algo das pressões. Durante oito anos, exerci funções departamentais e administrativas em nível de associação. Chega-se à casa depois da meia-noite. Presume-se que se deve estar no culto do escritório às 8:00 horas da manhã. Temos tempo apenas de comer correndo. Que acontece com as devoções particulares? Tem-se a tendência de omiti-las ou limitá-las drasticamente. O trabalho jamais parece terminar.

Quando eu estava no colégio, os líderes de todos os níveis da igreja vinham falar-nos. Nós alunos costumávamos caçoar de seus pobres sermões. Como haviam eles chegado a uma posição tão elevada? perguntávamos uns aos outros. Seus sermões nos pareciam banais ou histórias enfileiradas, juntamente com umas poucas expressões cediças.

Após tornar-me membro do quadro de obreiros de uma Associação local e mais tarde fazer parte dos obreiros da Associação Geral, descobri por que é tão fácil acontecer isto. Por favor, não me entendam mal, há grandes pregadores que ocupam elevadas posições na igreja. Contudo, muitas vezes permitimos que a pressa em produzir, a necessidade de estar no escritório das 8:00 horas da manhã até às 5:30 da tarde, ou estarmos na estrada numa viagem interminável, ditem nossas prioridades.

Como pastores, espera-se que estudemos; não precisamos pregar um sermão diferente cada semana. Mas o mesmo sermão pode ser suficiente para uma dezena ou mais de lugares. Assim é fácil estudar menos e também reservar tempo para nossa devoção e para dormir. Podemos já ter sido grandes pregadores; agora, porém, devemos permitir que outras coisas, coisas boas, ocorram.

“Há Martas em cada igreja. Elas estão intensamente ocupadas com as atividades religiosas, e fazem muito bem; mas necessitamos também do aspecto do caráter de Maria. Os obreiros mais zelosos precisam aprender aos pés de Jesus.” — *TM*, pág. 346.

Marta estava ocupada na cozinha, preparando o jantar para Jesus. Que poderia ser mais importante? Enquanto Marta estava ativa, “fazendo”, Maria estava passiva, “sendo”, assentando-se aos pés de Jesus. Estamos, você e eu, mais satisfeitos na cozinha do que na sala

de estar? Achamos Marta mais atrativa do que Maria? Marta estava realizando algo. Maria não estava fazendo nada — pensamos. Estamos tão ocupados “servindo às mesas” que não temos tempo para a “oração e o estudo da Palavra”?

Como líderes, parece que vivemos para reuniões. Estão as comissões a que assistimos relacionadas com os aspectos espirituais da igreja ou com a superintendência dos negócios que a ela pertencem? A Bíblia e o Espírito de Profecia tornam claro que os negócios devem ser confiados às mãos de comerciantes piedosos em todos os níveis da Obra.

A história de Israel revela que a espiritualidade de nosso povo não é superior à dos líderes. Quando clamamos contra a falta de espiritualidade dos membros da igreja, na verdade estamos apontando o dedo para nós mesmos. Se estamos ocupados demais para assentar-nos aos pés de Jesus, como podemos esperar que nosso povo se assente a Seus pés?

Diz-nos a inspiração divina: “Far-nos-ia bem passar uma hora cada dia na contemplação da vida de Cristo.” — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 83. Quanto tempo passais cada dia com o Senhor? Se vossa esposa nos escrevesse uma carta, o que relataria ela? Diria que sois mais Marta do que Maria? O que diria minha esposa? Quando os problemas se tornam complexos, quando lutamos contra as mudanças de cargo, as dívidas elevadas, a perda de confiança na liderança, a apatia e a hostilidade nas igrejas e instituições, precisamos gastar mais tempo com o Senhor ao invés de menos tempo.

Se é Sua a Obra, então precisamos confiar em que Ele pode realizar Sua obra. Somos mais os instrumentos. Sobre nossos joelhos, o Senhor nos dará as respostas. É o assentar-nos aos pés de Jesus, não o trabalharmos na cozinha, que nos dará o poder para sermos líderes de Deus.

J. David Newman

A Vitória de Colheita 90

Ao nos dedicarmos ao esforço final do programa de Colheita 90, devemos concentrar todos os esforços, energias, finanças e outros recursos na obtenção da vitória. Agora é o tempo de intensificarmos ao máximo as atividades evangelísticas. O Pastor Neal C. Wilson nos lembra: "Conserve-mos em mente que o alvo final ainda não foi alcançado. Faltam apenas seis trimestres para entoarmos o hino da vitória. Precisamos acelerar de maneira unida nossas atividades, a fim de culminar de maneira bem-sucedida a Colheita 90, por ocasião da próxima Sessão da Associação Geral."

Comparando Colheita 90 com uma corrida a pé, graças a Deus, todas as Divisões estão correndo bem. Ao nos aproximarmos da reta de chegada, devemos pôr todo o empenho na arrancada final. Nos eventos esportivos, os corredores fazem um tremendo esforço ao se aproximarem do fim da corrida. Eles concentram todas as suas energias, aceleram ao máximo o passo e desenvolvem ao máximo a velocidade.

A Comissão Consultiva de Colheita 90, dirigida pelo Pastor Kenneth Mittleider, reuniu-se para fazer planos sugestivos para uma conclusão triunfante do programa de Colheita 90. A comissão recomendou usar o lema "Vitória de Colheita 90" para a culminação do programa, como uma demonstração de nossa fé de que a vitória será ganha pelo poder de Deus e a integral participação da igreja.

Estratégia para 1989

A estratégia visa a aumentar as atividades missionárias e produzir uma gigantesca explosão de evangelismo global, a fim de elevar ao máximo os batismos.

Seria ideal que as Divisões, Uniões e campos locais alcançassem seu alvo total de Colheita 90 durante 1989; assim, os resultados obtidos em 1990 seriam um lucro líquido. Até a época em que este artigo foi escrito (setembro de 1988), três Uniões e sete campos locais já ha-

viam ultrapassado seu alvo de Colheita 90. Tudo deveria ser feito ciente de quão perto está a culminação de Colheita 90, a fim de mobilizar administradores, líderes departamentais, pastores e membros da igreja para tomarem parte na excitante fase final. Também seria bom usar vários métodos para levar centenas de milhares de pessoas interessadas a tomarem sua decisão de ser batizadas.

Programa evangelístico global

Para o último ano de Colheita 90, julho de 1989 a junho de 1990, a comissão sugere fazer algo audacioso: uma campanha evangelística de âmbito mundial. Esta seria um programa gigantesco global de totais e permanentes atividades evangelísticas, envolvendo a participação de todas as forças da igreja.

O precedente para esta campanha de amplitude mundial são as campanhas de âmbito continental e nacional, nas quais todos os membros de um país ou de uma grande região se unem em um programa de evangelismo por um ano inteiro. Campanhas nacionais estão sendo planejadas para 1989 na Espanha, Brasil, Filipinas e Indonésia. Para 1990, várias Divisões estão fazendo planos para campanhas continentais.

Durante o último ano de Colheita 90, todos os campos e igrejas locais em todo o mundo estarão realizando atividades evangelísticas e missionárias. Algumas dessas atividades serão permanentes e outras realizadas apenas durante certas épocas do ano.

Participantes da Campanha Evangelística Mundial

a) Associação Geral, Divisão, União e o pessoal do campo local, devem ser convidados a dar exemplo e servir de inspiração para que os obreiros e leigos tomem parte nas atividades evangelísticas.

b) Cada pastor deveria tomar parte ativa no

evangelismo e treinamento dos membros da igreja para a conquista de almas.

c) Cada departamento da igreja deveria fazer planos específicos para colaborar em alguma espécie de atividade ganhadora de alma.

d) Cada instituição deve adaptar suas atividades a um ponto de aproximação evangelístico.

e) O verdadeiro segredo do sucesso será uma gigantesca mobilização dos milhões de membros da igreja inteiramente treinados para conquistar almas.

O Campo Local e a Campanha Evangelística Mundial

Seria bom que os líderes, pastores e igrejas se empenhassem no evangelismo e tornassem o ganho de almas uma prioridade absoluta. Será necessário destinar fundos suficientes para este ataque. Recomenda-se que sejam levadas a cabo as seguintes atividades:

a) Uma campanha evangelística metropolitana na maior cidade do campo local. Isto incluirá uma campanha evangelística em cada igreja, e outra dirigida pelas congregações fixas em um novo território.

b) Seminários Revelação múltiplos.

c) Recrutamento e treinamento de membros da igreja para tomarem parte em atividades evangelísticas e missionárias diversas.

d) Batismos mensais nas igrejas.

O ideal é que cada igreja e a maioria dos membros da igreja participem ativamente da campanha evangelística mundial juntamente com os pastores e anciãos que atuam como líderes e principais corredores de vanguarda. Recomendamos que seja posto em execução um programa de evangelismo com dois tipos de atividades:

1. Atividades Evangelísticas permanentes (durante todo o ano)

a) Estudos bíblicos por pastores e pessoas leigas.

b) Classes batismais para adultos, jovens e juvenis.

c) Evangelismo interno — ganhar parentes e filhos de membros da igreja.

d) Evangelismo em família: Cada família da igreja conquistar um membro da família e um amigo ou vizinho para Cristo.

2. Atividades Evangelísticas Gerais

a) Campanha evangelística na igreja pelo

pastor ou pessoa leiga.

b) Campanha evangelística em um novo território.

c) Seminários Revelação — dirigir tantos quantos possível.

d) Lares: 25% dos lares dos membros da igreja devem ser centros de evangelismo para a comunidade.

e) Outros métodos apropriados.

Participação do membro da Igreja

Nesta campanha global, o verdadeiro segredo do sucesso será o grau de envolvimento dos membros da igreja. O ideal é que cada membro participe de algum tipo de atividade missionária. Nosso alvo é:

1. Um milhão de membros envolvidos em atividades ganhadoras de almas, tais como:

a) Dirigir campanhas evangelísticas.

b) Preparar candidatos para o batismo.

c) Dirigir Seminários Revelações.

2. Quatro milhões de membros envolvidos em atividades missionárias tais como:

a) Dar testemunho pessoal.

b) Trazer pessoas para atividades da igreja.

c) Distribuir folhetos.

d) Visita de casa em casa.

e) Participação em comissão de campanhas evangelísticas.

f) Desempenhar outras atividades missionárias.

Seria vantajoso que cada igreja em todo o mundo treinasse 20% de seus membros em atividades ganhadoras de almas diretas e 80% em atividades gerais.

Até o presente, os métodos mais bem-sucedidos de conquistar almas em todo o mundo são:

1. Evangelismo público: todos os tipos de campanhas evangelísticas dirigidas por evangelistas, pastores e pregadores leigos.

2. Estudos bíblicos: dados a grupos, famílias ou indivíduos por pastores e pessoas leigas.

3. Classe batismal: funcionar permanentemente durante todo o ano. É bom organizar classes separadas para adultos, jovens e juvenis.

4. Seminários Revelações: realizar em igrejas, escolas, hotéis, etc.

5. Lares usados para atividades evangelísticas tais como: estudos bíblicos, seminários e ramos da Escola Sabatina.

6. Batismos frequentes: Comumente um ba-

tismo é a melhor ocasião para conseguir decisões para futuros batismos.

Festival de batismo

A estratégia geral de Colheita 90 deve aumentar os resultados batismais anualmente, desde que haja mais membros e pastores cada ano.

Para culminar Colheita 90, deveriam ser realizados batismos em cada igreja. Seria bom que esta cerimônia fosse evangelística e que se fizesse apelo para decisões e que se conseguisse o nome dos visitantes, a fim de que eles fossem visitados tão logo fosse possível.

São sugeridas as seguintes datas para batismos em âmbito mundial: 1) 30 de setembro de 1989; 2) 23 de dezembro de 1989; e 30 de março de 1990. Dever-se-ia realizar também um batismo Vitória da Colheita 90 em 26 de maio de 1990, precisamente antes da sessão da Associação Geral. O último batismo de Colheita 90 poderia ser realizado em 30 de junho de 1990.

Ênfase espiritual

É importante que a culminação de Colheita 90 conte com uma forte ênfase espiritual. O Pastor Neal C. Wilson recomenda: "Quando entrarmos na fase final de Colheita 90, apelo à igreja mundial e a cada membro a descobrir a alegria da genuína renovação e reavivamento espiritual baseado na leitura da Bíblia, na oração intercessória e no testemunho pessoal e público." A Comissão Consultiva de Colheita 90 acha que deve ser realizada uma semana especial de oração e reavivamento no início da Campanha Evangelística Mundial em julho de 1989.

Desafio

Cada Divisão e União é instada a estudar es-

tas sugestões e fazer seus próprios planos para a Vitória da Colheita 90 e a Campanha Evangelística Mundial.

A Comissão Consultiva de Colheita 90 desafia a que o alvo de fé para a Campanha Evangelística Mundial sejam 600 mil batismos. É tempo de colheita. A obra deve ser terminada em um esplendor de glória e poder de fazer passar ao mundo. Os ministros e o povo de Deus devem tornar-se uma chama de fogo para Ele.

Colheita 90 acha-se em fase final. Agora é tempo de acelerarmos ao máximo nossos esforços. É tempo de darmos prioridade absoluta ao evangelismo. É tempo de fazermos planos grandes e ousados. Tempo de destinarmos mais fundos ao evangelismo. De realizar uma gigantesca mobilização de todas as forças da igreja. Tempo de lançarmos uma ofensiva evangelística total. É tempo de produzirmos uma explosão evangelística global. Agora é tempo de nos erguermos e conquistar a vitória.

Disse o Pastor Neal Wilson: "Desafio a igreja a lançar um movimento evangelístico maciço, que produza os mais gloriosos resultados da história de nossa igreja — tudo isto mediante a operação miraculosa da graça de nosso Senhor e Salvador, e do ministério do Espírito Santo."

Conclamamos cada crente a unir as mãos conosco na transformação de Colheita 90 em um acontecimento marcante na terminação da tarefa. Que o nosso moto seja: Cada qual um conquistador em nome de Jesus e pelo poder do Espírito Santo.

Carlos E. Aeschlimann.

Os Sermões São Vistos

Pregar é algo que se faz, não só com a boca, mas com o corpo todo. A pesquisa indica que, quando se prega, os ouvintes são mais influenciados pelo que vêm do que pelo que se diz. Podemos não gostar disto, mas nossa linguagem corporal pode falar de maneira tão alta que dificilmente as pessoas ouvem nosso sermão. São apresentadas aqui boas maneiras para melhorar a linguagem corporal:

1. Cuidado com os maneirismos

Os maneirismos não são propriedade exclusiva do pregador. Observe o lançador de beisebol quando se prepara para lançar; o batedor, quando se prepara para bater; o jogador de basquetebol na linha de lançamento livre ou o tenista prestes a servir. Cada qual seguirá, quase que invariavelmente, precisamente a mesma rotina de maneirismos sem sentido, antes de pôr a bola em movimento. Estes maneirismos são tão inerentes ao jogador que este não os percebe, embora não se sinta bem sem eles.

As probabilidades são: você fazer inconscientemente muitos movimentos sem sentido no púlpito. Pode movimentar a Bíblia ou as anotações, ajeitar o paletó, enfiar a mão nos bolsos e tirá-las, ou sentir-se inquieto com os óculos. Estes maneirismos provavelmente sejam tão inconscientes para você, embora necessários, como o são para o atleta os seus. O problema é que seus maneirismos podem distrair a tal ponto a atenção das pessoas que estas tenham dificuldade de se concentrar na mensagem.

A esposa de um ministro metodista centro-americano sempre enfileirava a família para verificar-lhe a aparência antes de ir para a igreja. Seu ritual incluía desdobrar e examinar o lenço de seu marido. Ela sabia que um de seus maneirismos no púlpito era enrolar o lenço para trás e para a frente entre os dedos enquanto falava, e ela ficava pasmada ao pensar que ele pudesse fazer isso algum dia com um lenço "sujo". Sua esposa pode não ser instruída em teo-

logia ou retórica, mas ganhará em distrair os maneirismos numa correria. O único problema é se ele ou ela se aventuram a dizer a você — e se você é bastante cuidadoso para mudar.

2. Desenvolva os gestos na conversação diária

O lugar de aprender a gesticulação é na conversação diária. Observe como as pessoas se expressam com naturalidade, tanto por meio dos movimentos do corpo como das palavras. Qualquer tom de voz ou maneirismo incomum que está fora de lugar na conversa amigável, está também fora de lugar no púlpito. A afetação não só desvia a atenção dos ouvintes, mas chama nossa experiência cristã para a questão. Jesus "aniquilou-Se a Si mesmo" (Filip. 2:7).

3. Esteja certo de que seu corpo e boca estão em harmonia

Deveria você movimentar-se de um lado para outro do púlpito ou plataforma quando prega? O movimento do corpo, que não diz nada, pode desviar muito a atenção dos ouvintes. Logicamente, é durante o tempo que você se movimenta de um lugar para o outro, que seu sermão produz uma transição de uma direção para outra. O movimento corporal pode ajudar os ouvintes a visualizarem a transição.

Deveria você debruçar-se sobre o púlpito ou chegar perto do microfone? Inclinar-se para a frente pode indicar intimidade, apelo. A principal questão não consiste em a pessoa inclinar-se, mas estar certa de que seu gesto está reforçando sua mensagem, em lugar de estar com ela interferindo. Certifique-se de que seu corpo está em sintonia com sua boca.

4. Mantenha os olhos no alvo

Uma vez que os olhos são as janelas da alma, os seus devem centralizar-se primeiramente, não no teto, nem nas anotações, mas nas pessoas cuja alma você está alimentando. Jamais permita que a iluminação insuficiente ou as len-

tes coloridas lhe impeçam os olhos de falarem às pessoas. Se sua congregação não pode ver-lhe os olhos e a expressão de sua face, ela pode perder metade do sermão.

5. **Veja-o, sinta-o e se esqueça dele**

Veja-o. Veja as cenas em sua mente, quando prepara o sermão, e você usará naturalmente os gestos para descrever aquilo que vê. Veja-se falando do púlpito. Não permita que o Calvário esteja lá no alto de sua mão direita na primeira parte do seu sermão, e depois lá embaixo, à sua esquerda, no restante dele. Imaginar-se vendo a cena a partir do púlpito, quando se prepara o sermão, impede que se pratique erro tão gritante.

Sinta-o. Os gestos improvisados, com mais facilidade resultam, não do ensaiar demais, e, sim, de sentir mais. Os sentimentos encontram naturalmente expressão no piscar dos olhos, no

franzir as sobrancelhas, em comprimir os lábios ou no enrijecimento dos músculos, quando todo o corpo fala. Em geral, quanto mais você se preocupa com as anotações, mais difícil se torna usar bem os gestos. Seguir as anotações torna difícil *sentir* seu sermão quando você fala.

Esqueça-se dele. O gesto deve ser o produto espontâneo do sentimento presente, do contrário lhe parecerá estranho, e ridículo a seus ouvintes. No púlpito, concentre-se principalmente em três coisas: seu assunto, seu auditório e naquilo que você deseja que seu tema realize em favor do auditório. Então seus sentimentos e movimentos virão naturalmente e você confiará no poder do Espírito Santo para ajudá-lo a levar Cristo às pessoas.

Floyd Bresee

O Plano B

Têm alguns dos seus sonhos no ministério deixado de materializar-se? Defrontou-se você com desapontamentos e mesmo tragédias? Tudo isto faz parte do Plano B.

O Plano A é aquele que idealizamos, no qual confiamos e ao qual aspiramos. Trabalho, crescimento, igrejas prósperas! Filhos ativos, convertidos, felizes. Esposas afetuosas, talentosas, dedicadas. Expectativas correspondidas — as nossas próprias e as dos que nos apóiam. O Plano B é aquele que alcançamos. Em grande parte, a maneira como tratamos o Plano B determina ao que as vidas se assemelham. A maioria de nós espera que o contentamento e a satisfação venham naturalmente — não são eles produtos naturais do servir no ministério? Mas Paulo sabia que a pessoa tem que batalhar por eles; ele

disse que *aprendeu* a estar contente fosse qual fosse o estado em que ele se encontrasse (Filip. 4:11).

Um casal chegou a uma pequena cidade do oeste para começar a trabalhar em um distrito de duas igrejas — primeiro distrito pastoral que lhes foi designado. No primeiro sábado, o excitado casal foi primeiramente à igreja maior, de 30 membros. Depois de algum tempo, chegou um dos membros. Às nove horas ainda havia apenas uma pessoa na congregação; às 10:00h, a mesma coisa. Às 11:00h o pastor pregou seu primeiro sermão para uma só pessoa. Decididamente o Plano B!

Um jovem pastor e sua esposa trabalham meses preparando um grupo de pessoas para o batismo. Como último passo no processo, eles realizam uma série de reuniões evangelísticas, e o pastor faz sua própria pregação. Finalmente, chega o dia do batismo. Mas três quartas partes dos candidatos ao batismo não comparecem — foram batizados em outra igreja na noite anterior. De novo o Plano B colide.

Um pastor agoniza sobre seus sermões cada semana, gastando muitas horas em oração e estudo, a fim de trazer uma mensagem de esperança e ensinamento para sua congregação. Um dia ele fica sabendo que os anciãos se queixaram de sua pregação ao presidente da Associação. Eles desejam alguém com mais talento, mais habilidade em pregar. De novo o Plano B!

Materializa-se sempre o Plano A?

Não penso assim. Deus — e o restante de nós — interessou-se pelo Plano B desde que Adão e Eva decidiram que não gostavam do Plano A.

Que podemos fazer a esse respeito?

Boas aproximações, respostas oportunas e clichês, tudo soa a mesma coisa quando se trata do Plano B. Não obstante, para mim as seis seguintes sugestões aprendidas durante 20 anos na escola dos golpes duros, ajudam a tornar mais fácil e menos demolidora a experiência. Usá-las, livrará muitos de questionarem a presença de Deus em sua vida.

1. *Compreender que Deus lida com o Plano B cada dia.* Não importa quão distante do ideal possa o Plano B vagar, Deus ainda está ao leme. Há parâmetros além dos quais não pode ele ir. Se confiarmos em Deus e compreendermos isto, poderemos lidar mais facilmente com o Plano B.

Deus controla as circunstâncias de hoje e vê o fim como será. Todas as pessoas e coisas são, a Seus olhos, um produto acabado. Temos estas mesmas opções. Dia a dia trabalhamos, com Sua ajuda, para levar o Plano B mais perto do ideal.

2. *Compreender que, não importa quão hábeis e talentosos sejamos, jamais nos portaremos de acordo com as expectativas de todos a nosso respeito.* Podemos estabelecer alvos e arremessar-nos para eles. Podemos ter ideais e procurar viver por eles. Jamais, porém, gostaremos de todos o tempo inteiro. Isto é verda-

de, e temos que conviver com isto.

Muitas pessoas consideram como seus pontos positivos apenas as coisas que fazem bem todo o tempo. Mas nenhum de nós é inteiramente estável; assim, com esta atitude nunca poderemos considerar-nos bons em nada. Muitas vezes consideramos uma ação má de somenos importância ou rara, como um defeito horrível de caráter. Quando julgamos a nós mesmos, não vemos cor cinzenta — vemos apenas preto e branco. Quando confrontados com o Plano B, precisamos lembrar-nos de que com a ajuda de Deus estamos fazendo o melhor que podemos em nossa situação. É tudo o que podemos fazer.

3. *Contemplar o passado.* Não me refiro ao passado antigo. Refiro-me ao seu passado pessoal com Deus. Usar a percepção tardia, ajudamos a ver as obras de Deus em nossa vida de maneira muito mais clara. Enquanto nos estamos afundando na areia movediça do Plano B, é difícil vermos o plano de Deus. Em geral é tão turvo como um copo de água barrenta — e quase tão apelativo! Quando, porém, olhamos para o passado, podemos muitas vezes notar a maneira em que o Senhor lida conosco. Maravilha das maravilhas — enquanto nós conseguimos o Plano B com Seu auxílio, Ele realizou o que esperávamos que o Plano A efetuasse!

4. *Goste do que você tem.* Não quero dizer que devamos aceitar o Plano B como o ideal, mas que deveríamos ver o lado bom na situação em que nos encontramos. Em lugar de lamentar-nos pelo Plano A, deveríamos enumerar as bênçãos trazidas pelo Plano B — e quase sempre há alguma. Voltando aos nossos exemplos anteriores, quando apenas um ouvinte apareceu na igreja, o pastor e sua esposa tiveram pelo menos alguém por quem agradecer a Deus. Cada nuvem de chuva tem seu arco-íris — só precisamos procurá-lo. Ninguém disse que seria fácil, mas as batidas certas lavam por baixo os juncos que esperam pelo Plano A.

5. *Ilumine a esquina onde você está.* Estamos apaixonados com o Plano B. Podemos usar pano de saco e cinza e lamentar nossa sorte; podemos deixar o que estamos fazendo, na esperança de levar a efeito o Plano A de alguma outra maneira; ou podemos ser como Paulo e, enquanto não aceitamos realmente nossas circunstâncias, aprender a viver como ele. Em lugar de nos bater contra as grades da prisão do destino, podemos mudar o que é possível e acei-

tar aquilo que não podemos alterar. Essa espécie de situações acontece às pessoas todos os dias. Ora, eu não pretendo sentar-me por aí temeroso; ao invés disso, pretendo ir avante, seja aonde for que o Plano B me leve na companhia de meu Amigo. Nossa atitude para com o Plano B pode tornar-nos a vida aceitável e satisfatória, ou infeliz e cansativa. Tudo depende de nossa maneira de ver.

6. *Apegue-se a Deus.* Este conselho óbvio é mais antigo do que o Grand Canyon, e tão novo quanto o bebê nascido no último mês de maio. Dessa maneira, por que incluí-lo? É isto, geralmente, o que não fazemos enquanto todas as demais coisas não fracassaram. Por que não começar apegando-se a Deus? Continue apegando-se a Ele diariamente, minuto a minuto, e quando as coisas se tornarem adversas, permaneça aí até que as ondas da maré do Plano B se transformem em sussurros. Ao assim fazer, jamais me sinto só, e sou confortada e reani-

mada a cada passo do meu caminho. Além disso, o encher-se da Palavra de Deus, e gastar tempo em oração, partilhar o que Deus tem feito por nós no passado, extingue a chama da respiração do dragão do Plano B. Quando fazemos isso, não só nos lembramos do Seu cuidado, mas ao ouvirmos nós mesmos pronunciar as palavras, robustecemos nossa fé.

Dessa forma, como reagimos ao Plano B? Com otimismo, coragem e com Deus? Ou nos deixamos vencer?

Por que nos aborrecemos, maldizendo contra as circunstâncias, quando com Deus podemos ser longânimos, se não completamente satisfeitos e contentes, qualquer que seja a situação em que nos encontremos?

Se Deus é por nós, quem será contra nós?

Karen Nuessle — Escritora, professora e esposa de pastor

Segurança: Dever Ministerial

Quanto tempo faz que você reforçou as medidas de segurança em torno da propriedade de sua igreja e mesmo de sua casa?

Vários meses depois de meu esposo, Harry, ter-se tornado pastor, e estarmos limpando a mesa após nossa refeição vespertina, ouvi um som sussurrante. Não ouvindo nada mais, depois, achei que havia imaginado algo e continuei colocando a louça na máquina de lavar. De repente, escutei a porta do escritório do pastor abrir-se, e o barulho de passos rápidos que atravessavam a sala de visitas, na direção da cozinha.

Assustado, Harry correu para a porta da co-

zinha. Ouvi-o dizer depois, zangado: "Jerônimo, nunca mais entre de novo dessa maneira." Ele pôs o intruso para fora. Quando voltou, disse: "Avisei a Jerônimo que vou dizer à polícia o que ele fez, e lhe disse que jamais entre em nossa casa novamente sem ser convidado. De agora em diante, manteremos todas as portas fechadas, mesmo durante o dia. Já avisei as crianças de que se o Jerônimo voltar, corram para casa e informem a polícia."

Jerônimo era um ex-presidiário que havia ido

à igreja em busca de auxílio. Por mais que tivéssemos pena dele, sua entrada abrupta em nossa casa pôs fim mais depressa ao contato. Embora fique às vezes imaginando o que ele queria, jamais chego à conclusão, pois nunca mais ouvimos falar a seu respeito.

Minha preocupação inicial de que as pessoas envolvidas com as igrejas devem estar em segurança, era uma preocupação natural. Nossa experiência e a de outros pastores, mostraram que os pastores e suas famílias precisam ter mais cuidado do que a maioria das pessoas.

Por que isto? Em algumas comunidades, a boa aparência das casas paroquiais torna a família do pastor objeto de inúmeros pedidos de ajuda assistencial. A maioria das pessoas não oferecem perigo; eventualmente, porém, elementos criminosos se introduzem no meio delas, e estes podem ser perigosos.

Reforçando a segurança do prédio da igreja

Os hábitos descuidados dos líderes e obreiros da igreja podem torná-la uma atração para os criminosos, e pôr em perigo o pastor e sua família. Para resolver os problemas em potencial, de sua localidade, examine cuidadosamente seus prédios e conte os lugares nos quais encontra dinheiro que ficou sem ser contado. Muitas vezes os diretores da Escola Sabatina deixam ofertas em recintos não fechados com tranca. Examine as classes das crianças em busca de ofertas de aniversariantes nos bancos; a cozinha da igreja, em busca de sacolas com dinheiro; e as prateleiras da estante, à procura de ofertas de gratidão.

Já deixou o tesoureiro de sua igreja as ofertas no prédio da igreja, sem ser contadas? Se sua igreja realiza programas para levantar fundos, é o dinheiro sempre retirado imediatamente do mencionado imóvel? Lembro-me de um artigo que li, certa ocasião, a respeito de um ladrão que vivia do roubo deste tipo de fundos dos templos das igrejas.

Há outras coisas a serem consideradas, além dos fundos. Tem sua igreja aparelhos de som? E instrumentos musicais? Têm vocês projetor de *slide* ou de filme, ou aparelho de vídeo? Se têm estes aparelhos, como e onde são eles guardados? Se descuidadamente deixados em prédios sem segurança, estes objetos são um convite aos ladrões. A melhor segurança é a de uma

sala fechada, num prédio com tranca.

Mantém você o prédio da igreja travado quando este não está sendo usado? Estão suas janelas e portas em bom estado, ou seria fácil entrar por elas? Conhece a polícia local os membros de sua equipe e seu horário habitual de reuniões? Permite você que ela saiba do seu desejo de que ela confira qualquer anormalidade ao fazer a ronda em volta de sua igreja?

Constatar a segurança da propriedade de sua igreja faz parte do seu ministério em favor da congregação. Fazê-lo, é sinal de mordomia responsável. Se você acha que sua igreja necessita de mais segurança, chame os líderes principais e os coloque a par das dificuldades, dizendo-lhes o que você observou.

Mantenha de sobreaviso os vizinhos e membros da igreja

Você pode aumentar a segurança de sua igreja e casa pastoral pedindo aos membros e vizinhos que informem qualquer coisa fora do comum à polícia. Fazer isso não é ser exagerado. Certa ocasião um criminoso — que estava portando um revólver quando a polícia o prendeu — entrou no porão de nossa igreja. Posteriormente, vários membros disseram que haviam visto luzes acesas na igreja tarde da noite, e outros disseram que haviam sentido o cheiro de fumaça de cigarro, embora proibíssemos fumar. Outra pessoa havia notado coisas estranhas (açúcar, saco de papel, pacote de leite, restos de maçã, etc.) em um vaso de metal da sala de aulas. Eles haviam ignorado indícios que deviam ter sido investigados. Agora meu esposo incentiva quem notar qualquer anormalidade a informá-la. Vez por outra alguma coisa sem importância poderá ser informada, mas é melhor prevenir do que remediar.

Instrua seus líderes a não deixarem ninguém entrar na igreja a não ser que saibam que o pedido é legítimo. Ladrões entraram na igreja de um amigo, dizendo-se fiscais, e voltaram mais tarde, orientados por um esboço dos recintos, que haviam feito durante sua “inspeção”. As exigências regulares, necessárias para a entrada em sua propriedade, fazem apontamentos antecipadamente e sempre fornecem identificação aos empregados.

Visite os agentes da lei locais e convide os oficiais para se reunirem com seus auxiliares na

igreja. Tornar-se conhecido das autoridades quando nada de anormal aconteceu, acrescenta uma medida extra de boa vontade para com a igreja e mais um par de olhos vigilantes. E se acontece algo, você não precisa ter o constrangimento de historiar o delito a um estranho.

Segurança pastoral

Está você, sem o saber, pondo em risco a você mesmo e a seu grupo? Alguém trabalha sempre no prédio da igreja ou apenas em horas esporádicas? A maioria dos pastores o fazem ocasionalmente. Isto pode pô-lo em necessidade especial de proteção. O ladrão mencionado anteriormente entrava apenas em igrejas com portas sem tranca e atuava em horas nas quais o prédio estava sem ninguém. O pastor, o secretário ou qualquer outra pessoa que trabalhe sozinho no prédio da igreja, quando o criminoso entra, está diante de perigo óbvio. Especialmente nas cidades, você necessitará de proteção tal como uma divisão com janela de vidro entre a mesa da secretária e a área de entrada; e na porta, uma fechadura pode ser controlada da escrivania. Algumas igrejas têm ainda alarmes instalados na escrivania.

E quanto àquelas ocasiões nas quais alguém a quem você não conhece pede para encontrar-se em particular com você na igreja? Cuidado! Meu amigo George disse que “uma vez, um homem chegou à casa pastoral, pedindo para verme particularmente. Quando chegamos perto da porta do escritório da igreja, ele puxou de uma faca, pedindo dinheiro. Ora, minha esposa sempre telefona alguns minutos após reunir-me com alguém sozinho na igreja, e ela tem instruções para chamar a polícia se eu não responder, ou se responder não quando ela perguntar se estou bem. Nossa igreja está em uma movimentada avenida, e a polícia sugeriu esta estratégia depois do assalto”.

O aviso de rotina do telefone de George é uma boa prática. Se a esposa não puder, fale com um membro da igreja de confiança, que saiba onde você programa os assuntos com pessoas desconhecidas. Quando alguém aparece sem ser anunciado e fica sozinho com você, peça licença e telefone para alguém, e diga-lhe que telefone para você dentro de alguns minutos. Isto não é violar a confiança de ninguém, uma vez que você não revele nem a identidade nem o

propósito de seu visitante.

Segurança da família

Ao dar os passos seguintes, você pode proteger sua família sem ser demasiadamente desconfiado ou tornar-se endurecido para com os que estão em necessidade. Seu cuidado para com sua família reflete sobre seu ministério, pois ela é a mais preciosa incumbência que o Senhor lhe confiou.

Quando você deixa a cidade e sua família fica para trás na casa pastoral, faça arranjos para dar-lhe assistência pastoral. Certa vez, quando meu marido foi assistir a um acampamento de jovens, o telefone tocou à meia-noite. Um homem insistia em querer falar com o pastor imediatamente.

Com receio de dizer que Harry não estava, respondi: “O pastor telefonará ao senhor em poucos minutos ou irá até onde o senhor está. Por favor, indique um número que ele possa usar, ou me diga exatamente onde está.” Em seguida, telefonei para a polícia local, expliquei-lhe a situação e me dispus a reembolsá-la por alguma despesa necessária, caso ela cuidasse do assunto e verificasse se o homem tinha necessidades legítimas. Isto evitou que me colocasse em perigo, e a necessidade do homem foi satisfeita. Não tivessem sido boas as intenções da pessoa que telefonou, o aparecimento da polícia a teria desencorajado. Se sua polícia não funcionar tão rápido, você pode telefonar imediatamente para outro pastor local.

Se sua casa for facilmente identificável como casa pastoral ou for a porta seguinte à da igreja, instale um olho-mágico e interfone. Instale também trancas fortes nas portas e janelas. Instrua seus familiares a usarem estas recomendações e a manterem a porta fechada se perceberem algo errado com respeito a quem está chamando. Eles devem evitar dizer à pessoa estranha que você não está em casa, informando-lhe que você está ocupado e pedindo-lhe que deixe recado.

Segurança pastoral

Está você, sem o saber, pondo em risco a você mesmo e a seu grupo? Alguém trabalha sempre no prédio da igreja ou apenas em horas esporádicas? A maioria dos pastores o fazem oca-

sionalmente. Isto pode pô-lo em necessidade especial de proteção. O ladrão mencionado anteriormente entrava apenas em igrejas com portas sem tranca e atuava em horas nas quais o prédio estava sem ninguém. O pastor, o secretário ou qualquer outra pessoa que trabalhe sozinho no prédio da igreja, quando o criminoso entra, está diante de perigo óbvio. Especialmente nas cidades, você necessitará de proteção tal como uma divisão com janela de vidro entre a mesa da secretária e a área de entrada; e na porta, uma fechadura pode ser controlada da escrivaninha. Algumas igrejas têm ainda alarmes instalados na escrivaninha.

Instale um mecanismo de resposta em sua casa ou igreja. Ele impede que os causadores de problemas saibam seu horário e quando os edifícios estão vazios. Harry e eu temos um em nossa reidência pastoral; quando ele sai e o telefone toca em hora imprópria, posso interceptar a mensagem de quem está telefonando. Dessa maneira, posso selecionar as pessoas que telefonam e responder àquelas que conheço.

Seja cuidadoso quanto ao que você põe em seu mecanismo de responder. Não explico por que ele está sendo usado; digo apenas que não temos ninguém disponível no momento para atender ao chamado, mas que iremos ligar depois. Os mecanismos de respostas incomodam alguns membros de igreja, mas se for explicado por que você precisa deles, a maioria os aceitará.

Se puder, evite dar o número do seu telefone particular como o da casa pastoral. As pessoas do lugar, que estão necessitadas, saberão o seu nome e um estranho que tenha uma necessidade real pode ainda entrar em contato com você com pouco esforço. O ter que perguntar para encontrá-lo impedirá telefonemas indesejáveis.

Avise os membros de sua igreja e a polícia local que evitem informar onde fica sua casa

e dar o número do seu telefone a estranhos. Em lugar disso, indique-lhes um número no qual você possa atender ou um lugar público onde você possa encontrar-se com a pessoa. Quando for, leve alguém com você. Isto irá desencorajar os poucos que tiverem más intenções.

Quase todo pastor que já esteve no ministério por algum tempo, já foi interrompido por um mendigo. Mesmo com a melhor das precauções, isto acontecerá ocasionalmente, mas é possível evitá-lo, na maioria das vezes. Primeiramente, jamais dê dinheiro. Aqueles que realmente têm necessidade apreciarão receber o gênero de que necessitam — seja alimento, gás ou medicamento. As pessoas que desejam apenas dinheiro, são suspeitas.

Confira sempre a história daqueles que pedem assistência. Quando pastoreamos uma igreja perto de uma saída interestadual, com frequência recebíamos pedidos de ajuda de transeuntes. Muitos eram honestos, e a igreja tinha recursos para aquele fim. Mas a fim de evitar os aproveitadores, a igreja e o pastor concordaram em pedir referências e permissão para comprovar as histórias daqueles que pediam assistência. Essa verificação funcionou; a ajuda que dávamos era necessária. Aqueles que se achavam em genuína necessidade em geral não recusavam a investigação de suas histórias.

Os pastores não podem fechar a porta de sua compaixão aos necessitados, nem se precaver contra todo perigo. Estar constantemente com medo ou desconfiado não glorifica a Deus; mas, tomar sábias precauções de segurança, é bom indício de mordomia. Os pastores *podem* ser profissionais compassivos e ainda proteger a propriedade da igreja, seus colaboradores, sua família e a si mesmos.

Anne Elver — Escritora, oradora e esposa de pastor

Músicos

“Temperamentais” da Igreja

“Estou contente por poder cuidar de uma igreja menor; nas igrejas maiores temos que lidar com músicos temperamentais”, confiou-me meu amigo ministro. Como musicista de igreja, não gostei da observação. Todavia, reconheço que esta opinião sobre os músicos — partilhada por muitos pastores — é algumas vezes justa.

Ele fez o comentário enquanto discutíamos a música para órgão que ouvíramos quando visitei sua igreja. A execução do organista era quase de pedir desculpas. Faltava sentimento para inspirar o cântico congregacional, e se perdia nos longes durante o prelúdio, poslúdio e ofertório.

Ao meditar sobre o comentário do meu amigo, muitos pensamentos me vieram à mente com respeito ao relacionamento entre os pastores e os músicos da igreja.

Gostaria de saber se os pastores compreendem o esforço que os organistas, os diretores de coro e outros músicos fazem para oferecer músicas que elevem o serviço de culto. O organista bem preparado gasta muitas horas selecionando e preparando música para a igreja. Suponho que em algumas igrejas o organista gaste tanto tempo preparando a música, quanto o pastor dedica ao preparo do sermão.

Já fui taxada de temperamental por pastores uma ou duas vezes. A questão sobre a qual tenho normalmente tido discussão com o pastor ou ancião, é o início do serviço de adoração. Nas igrejas das quais tenho participado, o prelúdio é invariavelmente seguido por anúncios, boas-vindas, convite para os cultos ou alguma

outra atividade, pelo pastor. O tempo concedido ao prelúdio varia, e o comprimento dos prelúdios pode diferir de uma semana para outra.

Conhecedores disso, pastores e anciãos parecem ainda ter dificuldade, vindo para a plataforma, sentando-se e aguardando pacientemente até que o organista termine. Tenho procurado explicar que é impossível deixar de ferir o ouvido musical da congregação quando se interrompe a peça no momento exato em que o pastor aparece no púlpito. Mesmo que não terminemos a música, somos obrigados a encontrar uma finalização agradável.

Como reagiria o pastor se precisamente doze para meio-dia o organista começasse a introdução para o hino final? Queria ele parar no meio da sentença? Comparação disparatada, dirá você. Não, se você fosse o organista ou um ouvinte atento da congregação.

Outra tensão pode surgir entre o pastor e o músico, quando aquele considera os gostos deste muito aprimorados. Não pretendo resolver o assunto da música apropriada e não apropriada da igreja. Minha opinião pessoal é que os músicos da igreja devem ser flexíveis, apresentando uma variedade que se acomode aos vários gostos musicais. Contudo, os pastores podem contribuir também para diminuir esta tensão. Muitos poderiam desenvolver o seu próprio gosto musical e o de suas congregações, passando tempo com o organista e o diretor do coro.

Admito que, pelo fato de conhecer o texto do hino ou os antecedentes da composição, muitas vezes eu receba maiores bênçãos da músi-

ca do que a congregação. Por exemplo, um dos meus prelúdios prediletos é "Ó Jesus, Meu Amigo", de Johannes Brahms. Quando começo com a melodia do hino, sempre me sinto profundamente comovida pelas palavras:

"Ó, Jesus, meu amigo, que preceito
Tu quebraste,
que tão cruel juízo suportaste?"

Esforço-me para interpretar a peça com sentimento, mas desejo que a congregação tome parte também na inspiração da mensagem verbal. Se o pastor dedicasse tempo a aprender mais a respeito da música que o organista usa, poderia partilhar informação com a congregação que a ajudaria a receber mais rica bênção da música.

Não duvido de que a maioria dos membros e o pastor afirmem que um desempenho cuida-

doso e confiante por parte do organista da igreja, ou do pianista, contribua grandemente para um serviço de culto confortador, ordeiro e reverente.

Os músicos da igreja oferecem seu tempo e esforço porque querem prestar uma colaboração ao serviço de culto. Não pedimos muita coisa em troca, mas a compreensão, o reconhecimento e a apreciação do pastor podem trazer-nos precisamente o incentivo de que necessitamos para continuar trabalhando junto com ele para originar uma atmosfera de louvor e adoração no santo dia de Deus.

Charlene Deming Scott — Musicista de igreja desde os 14 anos

Vítimas de Incesto Precisam de Sua Ajuda

Você pode ficar conhecendo alguém que foi profundamente golpeado pelo incesto. Saiba como estar preparado para ajudar.

Desde quando eu tinha três anos de idade até à morte do ofensor, quando eu estava com onze anos, fui vítima de incesto. Quando cresci, sofri física, psicológica e moralmente. Ao tornar-me cristã, meu sofrimento não desapareceu automaticamente.

Mesmo depois do meu batismo, lutei com os problemas causados pelo incesto em meu relacionamento com Deus. Pedi ajuda de vários pastores, mas nenhum era informado nessa área

o suficiente para ajudar-me. Eles não conseguiam compreender a natureza dos meus problemas ou suavizar os meus temores.

Deus, porém, ajudou-me e me susteve, ensinando-me gradualmente isto, o que tem tornado completo o nosso relacionamento. Ele me deu um marido cristão e compreensivo, orientou-me por meio de Sua Palavra e da oração. A despeito de tudo isto, porém, cheguei a pensar em suicídio depois do nascimento do nosso primeiro filho.

Finalmente veio a resposta: “Seu problema foi causado pelo pecado de outra pessoa. Você conhece a cura para o pecado. Leve-o à cruz.” As lágrimas de pesar transformaram-se em lágrimas de gratidão, quando atendi o conselho do Senhor e levei toda a culpa, ignomínia, temor e frustração aos pés da cruz de Jesus.

Desde esse tempo, tenho conversado com outros pastores e vítimas, e tenho procurado mostrar que há em nossa igreja uma grande necessidade de conhecimento do incesto.

Como pode um conselheiro ajudar melhor?

Ao preparar-me para escrever este artigo, encontrei muitas outras vítimas que foram incapazes de obter auxílio competente dentro da igreja. Foi assustador ouvir a mesma história de tantos lábios. Apenas ocasionalmente havia um sinal luminoso — a história de aconselhamento bem-sucedido por parte de obreiro da igreja a uma vítima de incesto. Os dois exemplos que vêm a seguir, ilustram o potencial de ajuda ou dano que existe quando uma mulher procura o aconselhamento de seu pastor. Ambos os conselheiros envolvidos foram bondosos e bem-intencionados, mas apenas um ajudou realmente a mulher que o procurou.

O primeiro homem esteve-se apegando a banalidades desde o início. Estava mal-informado quanto aos fatos que cercam o incesto e as necessidades de suas vítimas. Embora não entendessem a natureza exata dos temores da mulher, pôde notar que esta se achava em grande aflição e fez o melhor para ajudá-la. Disse-lhe que o incidente havia acontecido havia muito, e que era melhor expulsá-lo da mente — que ela deveria deixar de demorar-se pensando nele. Disse-lhe que devia exercitar o perdão cristão para com o ofensor. Depois, leu alguns textos bíblicos a respeito do amor de Deus, do perdão e do depormos nossos fardos sobre Jesus. Finalmente, aconselhou-a a deixar o passado e concentrar-se na edificação de um sólido andar dia a dia com Jesus. Eles oraram, e a irmã o deixou. Os poucos encontros esporádicos que se seguiram foram exatamente da mesma maneira. O pastor tornou-se impaciente com a falta de progresso e a irmã grandemente frustrada pela falta de alívio para o seu sofrimento. Finalmente, ela perdeu a esperança.

O outro conselheiro entendia melhor o incesto. Ele gastava seu tempo generosamente, pon-

do de parte os assuntos pessoais a fim de dedicar tempo às sessões de aconselhamento. A constância dessas sessões regulares trouxe a segurança de que ela necessitava.

O pastor animou-a a falar, embora ela divagasse, de maneira que ela pudesse expor sua aflição, e dessa maneira ele pudesse aprender mais sobre seus problemas. Aceitou-lhe a condição de como era, em lugar de rejeitar-lhe a realidade ao pedir uma apressada conduta de “perdoar e esquecer, depois mudar completamente de rumo”. O Espírito Santo capacitou-a a construir gradativamente seu valor próprio e a pôr o firme fundamento do conhecimento do amor e compreensão de Cristo.

Dessa maneira, o pastor levou a mulher a um mais íntimo andar com Jesus, de maneira que o Senhor pôde corrigir-lhe a deformada imagem de Deus. Ele trabalhou para solucionar sua culpa, rancor e outros fardos, em lugar de atenuá-los com o cosmético do perdão. Enviou-a a um bom conselheiro de uma unidade de saúde mental do país que se ocupava com problemas de natureza não espiritual. Aos poucos ela se foi tornando uma nova criatura em Cristo. O conhecimento, a compreensão e aceitação deste conselheiro, todos radicados em Cristo, estabeleceu a diferença entre a saúde espiritual e o sofrimento; talvez entre a vida eterna e a morte eterna.

O incesto afeta sua igreja

Ainda que não esteja acontecendo entre os membros de sua igreja agora mesmo, há grande possibilidade de que o incesto ainda esteja exercendo efeito sobre alguém de sua congregação.

Cerca de uma menina em cada grupo de dez, e por volta de um sétimo deste número de meninos, é vítima de incesto em alguma ocasião.¹

Poucas vítimas falam com franqueza sobre o assunto, mesmo depois de adultas. A vergonha e a culpa ainda as mantêm em silêncio. Estima-se que para cada pessoa que pede ajuda, há dez que não o fazem.² Seu silêncio não indica que os problemas que têm são menos significativos ou menos devastadores do que os das vítimas que solicitam ajuda. Suas dores podem ser piores, porque não têm nenhuma saída para eles. Esses sofredores silenciosos necessitam ser tirados dessa escuridão.

O incesto ataca bem no âmago da salvação.

Ele enche a alma da vítima de imerecida culpa, cria nela tal repugnância pessoal que ela³ se retrai do Salvador, e por pouco não destrói sua capacidade de estabelecer um completo relacionamento com Deus. Muitas vezes, mesmo depois de a vítima ter ido a Cristo, continua espiritualmente mutilada, incapaz de aceitar a Deus como seu Pai.

Os problemas não terminam quando finda o incesto. As escaras podem durar uma vida inteira e ser um fator em levá-la a casar-se com um cônjuge injurioso ou então incapaz. Lares divididos, espancamento de criança, alcoolismo, uso de droga, problemas psicológicos, problemas de saúde e mesmo tentativas de suicídio são sintomas latentes freqüentes, que podem perseguir a vítima em sua vida adulta. Uma funcionária social licenciada, de clínica, que se especializa em aconselhamento de incesto, estima que 20 por cento dos pacientes do hospital psiquiátrico onde ela trabalha foram vítimas de incesto.

A devastação espiritual que resulta do incesto é espantosa. Os pais estão no lugar de Deus para seus filhos. Pode ser quase impossível a alguém tão prejudicado assim por uma figura paterna estabelecer com Deus um relacionamento de fé. Fé é confiança em Deus. O incesto é traição, é traição da confiança da criança por alguém que está no lugar de Deus. A vítima pode sentir-se tão vil e degradada que não ousa aproximar-se de Deus; pode achar que mesmo para Ele, ela não tem nenhum valor.

Mesmo depois de a vítima de incesto ter aceito a Jesus, seu relacionamento de fé pode continuar inválido. A culpa continua, ela se sente de alguma forma merecedora de castigo e sofrimento. Muitas vezes teme que seu pecado esteja realmente além do alcance do perdão de Cristo ou que Cristo pode rejeitá-la por causa dele. Graças a Deus porque Ele nos encontra onde estamos, de maneira que esta fé defeituosa pode ainda apegar-se à Sua mão.

Às vezes a amargura e o rancor permanecem no coração da vítima. Estes são dirigidos não apenas contra o ofensor, mas contra ela própria e contra aqueles que serviram de instrumento na situação ou simplesmente não ajudaram. Enquanto estes sentimentos são alimentados, seu relacionamento com Cristo está em dificuldade.

Estas são as principais feridas da alma que impedem a obra da graça. As vítimas podem ir

a conselheiros seculares em busca de ajuda, com alguns dos seus problemas relacionados com incesto, mas a maioria delas necessitará de um conselheiro cristão amadurecido, cheio do Espírito, para ajudá-las a aceitar a graça de Deus, a deporem seus fardos aos pés da cruz e a permitirem que as feridas sejam curadas.

Ajudando as vítimas a encontrarem a cura

Os passos básicos, envolvidos no levar as feridas causadas pelo incesto à cruz, são convicção, justificação, santificação e perdão.

A cura começa quando o Espírito Santo convence a vítima de sua necessidade do Salvador. Mesmo uma vítima cristã de incesto precisa ser levada repetidas vezes a reconhecer sua necessidade ao longo do caminho da cura.

Muitas vezes a vítima se sente culpada pelo incesto. Pode achar que é responsável por ele, porque não disse nada e não falou sobre o ofensor. Pode também ter-se deleitado com a tentação (às vezes a única espécie de tentação que ela já sofreu do ofensor), ou pode achar que sua participação destruiu a família. Pode achar que cometeu um crime contra a esposa do ofensor. Muitos ofensores conseguem o silêncio de suas vítimas ao dizer-lhes que o que estão fazendo é ruim e que eles ficarão em dificuldade se contarem para outra pessoa. O fato de tal culpa ser imerecida não a torna menos real. Ela não pode ser minimizada como uma ficção. Jesus, que nos livra da culpa do pecado, pode também livrar-nos da culpa dos pecados cometidos contra nós.

Mas a sensação de vergonha, desonra e inutilidade pode fazer com que a vítima se apegue a Cristo. Lembrai-lhe que Jesus curou os leprosos que eram considerados imundos e contaminados. Ele prestigiou os proscritos e desprezados. Erguia aqueles que eram apanhados em pecado e dizia: "Nem Eu também te condeno." Se Jesus não condenou essas pessoas, não condenará a vítima de incesto.

A vítima de incesto precisa perdoar o ofensor antes que suas feridas sejam plenamente curadas. Não porque Deus não esteja disposto a curar, mas porque o rancor e a amargura conservam abertas as feridas. O perdão não é mera formalidade. Deve basear-se na compreensão da vítima de si mesma e do ofensor à luz da cruz.

É aqui que entra em cena a santificação.

Cumpra-nos perdoar, mas não temos a capacidade. Apenas o perdão de Jesus é poderoso. Mediante a obra da santificação, Ele nos oferece Sua força em lugar de nossa fraqueza; Sua capacidade para perdoar, em lugar de nosso rancor e ira. Quando a vítima estiver pronta para dar este passo, Cristo lhe proverá a capacidade de perdoar completamente.

Um passo adicional é importante, quando se trata de mulher casada. Muitas vezes os problemas da vítima levam a problemas conjugais que desorientam, aborrecem e frustram seu marido. Tais casamentos têm uma possibilidade tremendamente elevada de fracasso. Se o marido puder ser levado a entender a causa fundamental dos problemas conjugais e der seu apoio à esposa, o casamento pode ser restaurado. Se ele a tratar com bondade e compreensão, pode ajudá-la a aprender a confiar novamente. Neste ponto deveriam ser aconselhados juntos.

Esteja preparado para ajudar

Há dez sugestões que o ajudam a se preparar para preencher as necessidades das vítimas de incesto:

1. Esteja informado. Lance mão de livros sérios sobre o assunto.

2. Esteja preparado para dar liberalmente do seu tempo. Ao ajudar as vítimas de incesto, sessões curtas, apressadas ou irregulares podem ser desastrosas. Mágoas profundas não podem ser ajudadas em breves conversações; nem podem os pesares que têm lacerado e despedaçado a vida ser minorados pela instabilidade contínua da programação irregular. Lembre-se de que exigiu coragem indescritível a vítima buscar ajuda. Ela se arriscou a grande vergonha e condenação ao dirigir-se a você. Entrevistas superficiais, dizer que volte em uma ocasião mais conveniente ou promessas de se dedicar a ela quando tiver tempo disponível, podem muito bem levá-la imediatamente de volta ao sofrimento silencioso. Caso isto aconteça, provavelmente você não tenha uma segunda oportunidade de ajudá-la. Em vista das conseqüências eternas que envolvem uma situação de incesto, você precisa gastar tempo nobre com a vítima pronta e regularmente.

3. Esteja atento. A vítima pode achar difícil falar. Ela pode gaguejar, hesitar, mergulhar em silêncio, e chorar. Não a instigue, pedindo

minúcias nem a interrompa a fim de apressar as declarações. Gentilmente, leve-a a prosseguir. Uma vez que esta orientação bondosa a tenha conduzido a alguma confiança, a sessão começará a ir mais rapidamente. Depois que a vítima tiver adquirido bastante confiança para falar livremente, ela poderá achar muito difícil chegar ao ponto. Se for desatencioso a suas incoerências, ou impaciente, você causará dano em dois sentidos: Primeiro, você perderá pormenores importantes que poderiam ser valiosos para o aconselhamento. Segundo, ela pode notar a atitude desatenta. Muitas vítimas de incesto estão convencidas de que são tão degradadas que ninguém se interessa em lutar em seu favor. A falta de atenção ou a impaciência da parte do ministro serve para confirmar o baixo conceito da vítima quanto a si mesma.

4. Aceite os temores da vítima. Procurar minimizar a culpa, dizendo: "Bem, você não fez nada de errado; por isso, deixe de lado essa idéia e pare de pensar nela", é rejeitar os muitos sentimentos reais e os problemas da vítima de incesto. Tal conduta põe os muitos itens que ela mais precisa discutir, fora dos limites. Ela coloca a ajuda longe do seu alcance. Todos os seus problemas são reais para ela. Trate-os como sendo reais.

5. O conselheiro do mesmo sexo é melhor. Os homens devem aconselhar-se com homens, e as mulheres com mulheres. É mais fácil alguém falar de tais coisas a um conselheiro do mesmo sexo, e também mais em harmonia com os princípios bíblicos. Todavia, jamais se deveria negar ajuda extremamente necessária, porque não há uma irmã disponível para com ela aconselhar-se. A demora e as frustrações que aumentam o sofrimento da vítima bem podem ter conseqüências eternas.

6. Controle cuidadosamente suas emoções. Emoções fortes não deveriam ser sempre expressas. Expressar horror e revolta pode assustar ou envergonhar a vítima. Expressar ira para com o ofensor ou pesar pela vítima pode levá-la a insistir nestas emoções e fazer com que ela ache difícil deixá-las ao pé da cruz. O conselheiro precisa mostrar bondade, compreensão, aceitação e simpatia.

7. "Se o irmão ou irmã estiverem nus, e tiverem falta... e algum de vós lhes disser: Ide em paz, aqueantai-vos, e fartai-vos; e lhe não derdes as coisas necessárias... que proveito virá

dai?" (S. Tiago 2:15 e 16). Temos a tendência de lidar com os problemas humanos da maneira mais simples possível. Alguns textos bíblicos e a elevação dos pensamentos e uma palavra de oração não operarão a cura. Eles produzirão apenas uma alma sedenta sem dar uma só gota de alívio.

8. Recomende um terapeuta ou conselheiro especializado, de preferência cristão. A menos que você seja um terapeuta treinado, é pouco provável que você satisfaça todas as necessidades da vítima. A maioria das unidades de saúde mental do país oferecem ajuda a baixo custo ou de graça. É sábio, contudo, que o pastor continue aconselhando a vítima sobre seus problemas espirituais e seu relacionamento com Deus. As necessidades temporais deveriam ser simultaneamente satisfeitas.

9. Não tenha medo de tomar medidas para conseguir a segurança de uma vítima criança. A separação voluntária dos pais, ou mesmo a intervenção legal não são medidas fortes demais a serem tomadas, quando a segurança da criança está em jogo. Muitos obreiros acham que a interrupção da unidade da família, talvez mesmo a retirada da criança de seu lar pelas autoridades, seja um mal muito grande; ela, porém, não é tão má quando a alternativa é o prejuízo físico, mental e espiritual para a criança. Busque meios pacíficos. Verifique se o ofensor ainda está ou não presente; qual é a atitude dos pais; e aja de acordo com isso. Use o tato, se possível, mas ponha sempre o bem-estar da criança em primeiro lugar.

10. Ore sem cessar. O aconselhamento do incesto é uma batalha espiritual. O incesto é um instrumento do inimigo para conservar as almas distantes de seu Pai celestial, para negar-lhes a esperança da salvação. Os anjos do mal lutam para manter a posse dessas vítimas. Você não pode ser bem-sucedido em libertá-las a menos que permita que Jesus trave a batalha por você.

A grande necessidade

Há uma grande necessidade de melhor educação, entendimento e treino em aconselhamento entre nossos obreiros. Não só os pastores, mas os obreiros médicos, os professores e alunos do colégio precisam ser mais bem-informados a respeito do incesto. Saiba-o ou não, há pessoas perto de você que estão sofrendo os resultados do incesto. Procure preparar-se para ajudá-las quando elas o procurarem.

1. Susan Forward e Craig Burk, *Betrayal of Innocence* (Nova Iorque: Penguin Books, 1979), pág. 3. Ann Landers Column, *Salt Lake Tribune*, 13 de junho de 1984.
2. Forward and Burk, pág. 28.
3. Uma vez que a grande maioria das vítimas são meninas, e que a maioria dos ofensores são homens, usei os pronomes ele e ela, respectivamente, para não sobrecarregar o artigo. Quase todos os pontos podem ser aplicados à situação inversa.

Júlia C. S. Vernon — Escreve de Salt Lake City, Utah

Criação, Redenção e Juízo

O número de maio de 1983, da revista Ministry, continha um editorial que respondia às recentes alegações com respeito a discordâncias teológicas na Igreja Adventista do Sétimo Dia. No fim do editorial, prometemos a nossos leitores que artigos futuros trariam um exame dos ensinamentos em questão. Neste número, pedimos a um dos nossos editores de Ministry que fizesse um exame introspectivo da doutrina do pré-Advento ou juízo investigativo.

— Os editores

Três grandes temas — criação, redenção e juízo — percorrem como fios dourados toda a Escritura, desde Gênesis até o Apocalipse. Estas três grandes verdades se concentram em torno de uma única Pessoa, Cristo, que é Criador, Redentor e Juiz (S. João 1:1-3; S. Luc. 19:10; S. João 5:26, 27 e 30). Para se entender e apreciar estes três temas, é preciso entender e apreciar todas as demais coisas referentes à obra de Cristo em nosso benefício.

A Criação revela a sabedoria, o amor e a perfeição do Criador. Desde o mais elevado e fulgurante serafim ao mais desprezioso botão que se encontra no prado, desde as cintilantes estrelas do céu da meia-noite ao grilo de sons metálicos que se oculta dentro da mais negra caverna — todos levam consigo a marca registrada do seu Criador. As palavras “muito bom” foram gravadas em cada objeto, a fim de conduzirem à adoração ao Criador. O próprio ar do Éden era inteiramente livre de poluição. O mundo inteiro, saturado da própria presença de Deus com sua cintilante beleza, foi dado a Adão e Eva como uma herança para lembrá-los continuamente de seu Doador. De alguma forma, porém, a ruína e a degradação lançaram

raízes em um planeta perfeito. Não foi certamente por causa de alguma falha na obra do Criador nem em Seu produto acabado. Do contrário, a reputação do Arquiteto-Mestre seria impugnada. Começou com a semente do orgulho, da obstinação, e esta semente germinou no coração humano até que, por sua própria vontade, achou-se o homem em rebelião contra o governo dAquele que graciosamente lhe dera a vida.

A Redenção é o plano do Criador para restaurar o homem a sua condição não caída anterior à Queda — à plena harmonia com o mundo que o cerca e, mais importante, à completa harmonia com o seu Autor. Muitas vezes o homem tem menosprezado este plano perfeito e recorrido aos planos de sua própria feitura de independência e justiça própria. Não possui o homem nenhum poder inato para que possa elevar-se à perfeita condição moral em que já esteve antes. Isto requer poder de fora. Salvar uma alma da sarjeta exige tanto poder criador quanto para criar o homem animado do inanimado barro. Assim como os poderes demoníacos foram exercidos para manter na sepultura o Redentor, mas não puderam, também não podem todos os poderes do mal escravizar a mais dé-

bil alma que deseja a libertadora graça de Cristo. A Criação é um milagre, e a Redenção também! A obra da salvação deve tornar nulos os melhores esforços do homem, a fim de que Cristo seja tudo: “Tudo em todos.”

Na verdade, o juízo é uma continuação da obra da redenção. Sua principal finalidade é, também, restaurar no homem a imagem do seu Criador, imagem que foi desfigurada por ocasião da Queda. A própria centralização do homem em si mesmo, constitui a principal pedra de tropeço no caminho que leva do Paraíso Perdido ao Paraíso Restaurado. Um dos propósitos do juízo é transformar em cinzas os melhores esforços do homem e as vestes de sua dignidade por ele mesmo providas, a fim de que as salvadoras vestes da justiça de Cristo possam envolvê-lo (Isa. 64:6; Zac. 3:1-5). Só então é o poder criador de Cristo capaz de recriar em nós a imagem perdida.

De certo ângulo, a Criação é a obra de separação. A noite foi separada do dia; a terra seca, das águas; e as águas de cima, das águas de baixo. A obra de coroação foi uma obra de separação: um bolo de barro foi tirado da terra para formar o homem, e uma costela foi tirada do homem para formar a mulher. Não devemos, porém, esquecer que o homem é muito mais do que simples barro, e a mulher mais do que uma costela. A Redenção continuou a obra de separação. A cruz é o grande divisor da humanidade. Lamentavelmente, ela separou Judas dos Doze; pôs uma cunha entre Jesus e os líderes judeus; pôs um governador romano fora do alcance do poder salvador do Crucificado. Mas criou também uma igreja ao tornar os Doze uma unidade invencível e enterneceu o coração de um soldado romano no Calvário, separando-o de seus companheiros, mas unindo-o ao Salvador.

Redenção e juízo: inseparáveis

Assim como a Criação e a Redenção estão interligadas, há também uma continuidade ininterrupta entre a redenção e o juízo. No juízo, deve continuar a obra de separação. Da mesma forma que os motivos ocultos de um Judas não vieram à luz até que ele lançasse as trinta moedas na sala do julgamento no início daquela manhã de sexta-feira, embora grandemente ignorado pelos outros discípulos até na noite anterior, assim os motivos dos mais íntimos re-

cessos da mente não serão amplamente abertos antes do dia do juízo (Ecle. 12:13 e 14; S. Mat. 12:36). Nessa ocasião estaremos descobertos na presença de nosso Criador (Heb. 4:13) — uma repetição surpreendente do que nossos primeiros pais experimentaram em seu primeiro dia de rebelião.

Verdadeiramente, o juízo é uma ocasião na qual os bons são separados dos maus, os justos dos ímpios, as ovelhas dos cabritos, o trigo do joio. Ele, porém, é mais do que uma ocasião para se conferirem recompensas por serviço ou recompensas por desserviço; é uma ocasião na qual o próprio Cristo Se dá a Seu povo. O clima do juízo, de acordo com Daniel 7, é a entrega do reino aos santos (verso 18). É inconcebível que um reino possa existir sem um rei; assim, a entrega do reino é a entrega pelo rei a Seu povo, das coisas que permanecem. A ocasião para isto é a grande ceia das bodas (Apoc. 19:6-16). A Redenção se consumou no Calvário quando o Filho do homem recusou o domínio deste mundo, e o juízo será consumado quando Ele ocupar o reino que é Seu de direito, pois comprado por Seu próprio sangue, e tornar Seu povo tanto receptor como objeto de seu reino (Dan. 7:26 e 27).

A seqüência de criação, redenção e juízo é crucial. Assim como a redenção não ocorreu senão após a Criação e a Queda, de igual maneira o juízo não poderia ser estabelecido enquanto o preço da redenção do homem não tivesse sido pago no Calvário. Contudo, há um sentido no qual ocorre na cruz um aspecto do juízo, pois Cristo disse, pensando na cruz: “Agora é o juízo deste mundo; agora será expulso o príncipe deste mundo” (S. João 12:31). Pode-se dizer que o obituário de Satanás foi escrito na cruz, mas seu fim ainda não aconteceu. Como acontece com Satanás, também se dá com todos os seus agentes, tanto demoníacos como humanos. As Escrituras falam de um período de espera antes da execução final da sentença. Eles estão “reservados para o juízo” (II S. Ped. 2:4, cf. 2:9).

De acordo com a perspectiva do autor bíblico, o juízo dos rebeldes ainda está no futuro — “uma expectativa horrível de juízo” (Heb. 10:27). Significa isto que o julgamento dos justos também está ainda no futuro? Alguns podem achar que é conferido aos justos um certificado de isenção do juízo, baseado no fato de que Cristo

morreu como nosso Substituto. Se Ele morreu a morte que nos pertencia, significa isto que também suportou o juízo que se supunha devêssemos enfrentar? Neste ponto, é fácil confundir a obra da redenção com a obra do juízo. Deve-se em parte a confusão à semântica, por causa dos vários matizes de significado que a palavra “juízo” pode ter na língua original. O grego *krima* refere-se à sentença judicial e é, na maioria das vezes, traduzido como “juízo” na K. J. V. e menos vezes como “condenação” ou “perdição”. O grego *krisis* refere-se ao ato ou processo de julgar, bem como à execução da sentença, e é traduzido cerca de 41 vezes como “juízo” e apenas algumas vezes como “acusação”, “condenação” ou “perdição”.

O exemplo em favor de nossa isenção do juízo em geral é citado de S. João 5:24, onde Cristo diz: “Quem ouve a Minha palavra, e crê naquele que Me enviou, tem a vida eterna, e não entrará em condenação (*karisis*), mas passou da morte para a vida” (R. S. V.). Seria fácil parar aqui e exclamar: “Bravo! Jamais precisarei enfrentar o juízo!” não compreendendo que aquilo sobre que Jesus está falando é “condenação”, ou sentença desfavorável. “Portanto agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus” (Rom. 8:1). Graças a Deus que o poder da cruz é capaz de apagar completamente a mancha condenatória de nossos pecados e de transferir a culpa daqueles que a merecem para Aquele que não é merecedor!

Não ousamos considerar S. João 5:24 separado dos versos 25-30. Acompanhando a seqüência lógica vemos Cristo dizendo que Ele possui “poder para exercer o juízo” (verso 27). É a execução do juízo dirigida somente ao ímpio, ficando excluídos os justos? Surpreendentemente não. O verso 29 e o 30 ampliam o que é declarado no verso 27, e sugere que a execução da sentença tem um aspecto duplo: 1) a ressurreição do justo para a recompensa da vida, isto é, a vida eterna; e 2) a ressurreição do ímpio para a recompensa da morte, isto é, a morte eterna. A execução da sentença, que inclui tanto a “ressurreição da vida” como a “ressurreição da condenação”, implica que já houve antes um processo de julgamento que incluiu ambos os grupos. Se tanto o justo como o ímpio devem sofrer a execução da sentença, que é favorável para um e desfavorável para outro, deveríamos então esperar que ambos os grupos

sejam envolvidos em um julgamento pré-ressurreição no qual sua vida seja cuidadosamente examinada.

Isentar os justos do juízo vai diametralmente contra passagens paulinas tão claras como Rom. 14:10 e 12: “Pois todos havemos de comparecer ante o tribunal de Cristo... De maneira que cada um de nós dará conta de si mesmo a Deus”; e II Cor. 5:10: “Porque todos devemos comparecer ante o tribunal de Cristo para que cada um receba...” Não só isto, negar o julgamento dos justos é diminuir o forte sentido de responsabilidade e remover o impulso motivacional em favor da conduta moral usada por Paulo nessas passagens que têm um tom ético dominante. Seria colocar Paulo em direto confronto e contradição com João.

Isto nos leva à inescapável conclusão de que o julgamento dos justos não ocorre na cruz. Na verdade, a cruz provê o único antídoto e os únicos meios pelos quais pode o cristão que luta ter sempre a esperança de que ele certamente sobreviverá à destruição que ocorrerá quando o manifesto relatório de seus próprios pecados vier à luz. Graças a Deus que as palavras “condenado a morrer”, gravadas sobre a cruz de Cristo, são transformadas em “nenhuma condenação” sobre a cruz que cada um de nós individualmente deve levar e sobre a qual ser crucificado!

A remoção dos nossos pecados é um paradoxo, considerando-se que por um lado a purificação do pecado e a confissão são simultâneos, enquanto por outro lado aqueles muitos pecados são mantidos contra nós se apostarmos. O sangue de Cristo é inteiramente eficaz para a remoção dos nossos pecados no momento em que fazemos confissão e restituição (I S. João 1:9; Ezeq. 33:14 e 15). O pecado e a culpa são totalmente removidos de nós para tão distante “quanto está longe o oriente do ocidente” (Sal. 103:12), embora tenhamos o triste pensamento de que se viermos a voltar as costas para o Senhor, então nenhuma de nossas justiça será lembrada e morreremos por causa dos pecados que tivermos cometido, presumivelmente os pecados que uma vez confessamos e para os quais obtivemos o perdão (Ezeq. 18:23 e 24). Como pode ser isto? Do ponto de vista humano, o pecado é completamente removido de nós no momento em que se faz a devida confissão e restituição; do ponto de vista do Criador, porém,

o registro de cada aspecto de nossa vida, tanto bom como ruim, é mantido nos livros de registro até o dia do juízo (Ecl. 12:14; II Cor. 5:10). Por isso, achamos, baseados nas Escrituras, que a remoção do pecado é feita em duas fases: 1) experimentalmente, no momento em que pedimos o perdão divino; 2) judicialmente, quando os pecados perdoados são completamente apagados dos livros de registro divinos. Podemos fazer esta distinção porque a redenção e o juízo não são um e o mesmo acontecimento.

Mais do que um exame

O juízo é mais do que um exame dos registros celestiais para ver qual foi o padrão de vida da pessoa e qual deve ser seu destino eterno. A Divindade já sabia qual seria o destino de cada um, pois “todas as coisas estão nuas e patentes aos olhos dAquele com quem temos de tratar” (Heb. 4:13). Mais do que uma inspeção divina, o juízo envolve a vindicação do caráter de Deus, um testemunho da eficácia do sacrifício de Cristo, bem como a ocasião para a remoção do pecado e da culpa. A função da remoção do pecado não é só experimental, mas também judicial, como foi sugerido no sermão de Pedro no pórtico do templo: “Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, para que sejam apagados os vossos pecados, e venham assim os tempos do refrigério pela presença do Senhor” (Atos 3:19). Daniel fala deste apagar os pecados como uma obra de purificação do templo, não um templo terrestre, pois o cenário e contexto são do templo do Céu (8:14, cf 7:8-14). O livro de Hebreus apresenta simbolicamente a Cristo, o Sumo Sacerdote, como purificando “as coisas que estão no Céu” dos efeitos dos pecados dos justos (Heb. 9:23). É feita disposição final desses pecados, o que equivale a serem lançados nas profundezas do mar (Miq. 7:19). Os pecados dos ímpios são lançados sobre sua própria cabeça, bem como sobre Satanás, o instigador de todo pecado (Ezeq. 18:4 e 10-13; Apoc. 20:10).

Quando é, então, que nossos pecados serão riscados judicialmente dos registros divinos, e quando nossa vida será passada em revista? Muitas das parábolas do reino, contadas por Cristo, apresentam o juízo como um acontecimento reservado para o tempo do fim: o trigo e o joio (S. Mat. 13), a rede (S. Mat. 13), os trabalhadores da vinha (S. Mat. 20), o homem sem o traje nupcial (S. Mat. 22), as dez virgens (S.

Mat. 25), os talentos (S. Mat. 25), e as ovelhas e bodes (S. Mat. 25). Todas estas parábolas pressupõem que as vidas foram vividas antes do juízo: o trigo e o joio cresceram ambos juntos até à maturidade, o peixe cresceu até ser pescado, os trabalhadores da vinha trabalharam até ao pôr-do-sol, os talentos foram usados e investidos, e as bodas sugerem um período de maturação, preparo e planejamento antecipado. O ensino claro de Cristo é que não somos julgados enquanto não tivermos tido a oportunidade de viver nossa vida. Este conceito é reiterado em Heb. 9:27: “Aos homens está ordenado morrerem uma vez, vindo depois disso o juízo.”

Quando os justos serão julgados

Se os justos não foram julgados antes do nascimento, e se não foram julgados na cruz, quando, precisamente, serão eles julgados então? Alguns dizem: Não importa realmente quando seremos julgados, visto que estamos cobertos com o manto da justiça de Cristo. A mesma declaração pode ser aplicada ao Advento. Não importa realmente quando Cristo virá segunda vez, visto que estou pronto. Se, porém, realmente não importa, então por que deu Cristo sinais tão pormenorizados para alertar-nos da proximidade de Sua vinda? O fato é que nossa prontidão se choca com a cronometragem do Advento. O mesmo acontece com o juízo: o conhecimento do tempo em que ocorre o juízo, ajudados a nos tornarmos certos de que estamos preparados.

Se Deus teve um tempo apropriado no qual Ele desceu através das brumosas neblinas deste cosmo para criar um planeta habitável, e se Cristo, Seu Filho, desceu encarnado à superfície desse planeta escurecido pelo pecado num tempo especial (“a plenitude do tempo”, Gál. 4:4), não deveríamos de igual maneira esperar que Ele tenha um tempo especial para neste julgar o mundo? “Porquanto tem determinado um dia em que com justiça há de julgar o mundo, por meio do varão que destinou” (Atos 17:31). Como sua réplica, a Criação, que tem um ponto de partida bem definido (Gên. 1:1) e um ponto de conclusão (Heb. 4:3), o juízo, também, tem um ponto especial no tempo para começar e terminar. Seu início é de importância suficiente aos olhos da Divindade, para enviar à Terra um mensageiro angélico anunciando: “Vinda é a hora do Seu juízo” e num mesmo alento convidan-

do por toda parte os homens a adorarem “Aquele que fez o céu, e a Terra, e o mar, e as fontes das águas” (Apoc. 14:7). Há evidência adicional de estar sendo formada uma forte ligação entre a criação e o juízo. Ambos são acontecimentos de proporções cósmicas, as reverberações dos quais se estendem como ondulações até os mais distantes limites do Universo. Foi um coro angélico que proveu a antifona para celebrar o nascimento de nosso planeta, e as hostes angélicas serão também convocadas para o juízo como participantes para saudar a morte do antigo e dar as boas-vindas ao nascimento do novo (Jó 38:7; Dan. 7:10; Apoc. 5:9-13).

Uma vez que o tempo do juízo é de importância tal que chama a atenção de todo ser criado, certamente Deus não deixaria a raça humana nas trevas com respeito a ele. Enquanto as epístolas do Novo Testamento se preocupam mais com o significado do acontecimento, os livros apocalípticos de Daniel e Apocalipse preocupam-se não só com seu significado por meio de simbolismo, mas com a cronometragem do evento. Em Daniel 7, o juízo é descrito como ocorrendo durante o tempo no qual o Anticristo, ou o poder da “ponta pequena” ainda existe, e antes do tempo em que todos os reinos da Terra são destruídos. O juízo, então, é um acontecimento anterior ao Advento e, portanto, anterior à ressurreição, uma vez que a Segunda Vinda e a ressurreição são considerados como simultâneas (I Tess. 4:16 e 17).

Implicações de longo alcance

É importante introduzir a esta altura uma idéia que tem implicações de longo alcance: a maneira como vemos a ressurreição determinará em grande parte a maneira como vemos o juízo. Se a ressurreição é a união da alma ao corpo, a alma que desce do Céu para unir-se ao corpo que sai da sepultura, então o juízo assumirá um aspecto diferente daquele que teria se vissemos tanto a alma como o corpo permanecerem na sepultura até a manhã da ressurreição do último dia. Se encararmos o Céu como um lugar onde a alma terá um corpo espiritual, destituído de qualquer aspecto físico, então o juízo será visto numa luz diferente da que teria se crêssemos que o homem será ressuscitado como uma unidade completa — corpo e alma — quando Cristo vier a segunda vez para os Seus (I Cor. 15; Dan. 12:2).

A razão é simples: se a alma fosse para a sua morada celestial imediatamente ao morrer, então isto sugeriria que somos julgados individualmente ao morrer. Devemos comparecer ante o tribunal de Cristo antes que seja concedida entrada na Cidade Santa. De acordo com este raciocínio, não haveria nenhum dia de juízo final, quando todos os justos serão coletivamente trazidos perante a barra do tribunal para receber sua recompensa. Ao passo que, se cremos que a alma, bem como o corpo, repousa em um estado de total inconsciência na sepultura até o dia da ressurreição, então o dia do juízo pode assumir um aspecto escatológico. É inconcebível que seja permitido aos justos fixarem residência no Céu sem ter sido primeiro julgados — terem sido vestidos completamente com o manto da justiça de Cristo e receberem o Seu nome, ou caráter, impressos em sua mente, pressupõe um julgamento que determina se a recompensa deve ser dada (Apoc. 22:12). Se, como acreditamos, a ressurreição é o acontecimento que dá início à ida para o Céu, então o juízo deve ser um evento anterior à ressurreição.

Uma das parábolas mais notáveis sobre o juízo, contada por Cristo e relatada pelo escritor evangélico, é a parábola das ovelhas e dos bodes. Notai a fragrância escatológica desta parábola: “E quando o Filho do homem vier em Sua glória, e todos os santos anjos com Ele, então Se assentará no trono da Sua glória; e todas as nações serão reunidas diante dEle, e apartará uns dos outros, como o pastor aparta dos bodes as ovelhas” (S. Mat. 25:31 e 32). Primeiro, devemos notar que esta parábola coloca o julgamento dos justos e o dos ímpios em um único acontecimento, como em outras partes das Escrituras. Segundo, devemos ter em mente que o juízo tem duas fases: um exame dos registros (Daniel 7) e a entrega da recompensa (S. João 5:28 e 29). Esta parábola descreve apenas a segunda das duas fases. Terceiro, devemos lembrar que as parábolas não devem ser usadas para desenvolver um estudo sistemático de doutrina. Por natureza, a história não é sistemática, mas apresenta uma lição central. O que a parábola ensina é que a separação final dos ímpios e dos justos, como ocorre na parábola do trigo e do joio, não acontece antes do Segundo Advento.

Como a parábola das ovelhas e dos bodes, ou-

tras parábolas, tais como a da ceia das bodas, parecem unir a obra do juízo com a Segunda Vinda de Cristo. Mas tais parábolas, apresentadas em linguagem simbólica, não devem ser divorciadas do ensino escatológico de Cristo (S. Mat. 24, S. Mar. 13, S. Luc. 21), grande parte do qual foi ministrado em termos literais diretos. Falando de Sua vinda, declarou Cristo: "Porém daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos do Céu nem o Filho, mas unicamente Meu Pai" (S. Mat. 24:36). Se ninguém sabe o tempo desse acontecimento sensacional, e se o juízo é simultâneo com a vinda de Cristo, então é também impossível que alguém saiba o tempo do juízo. Mas dissemos há pouco que Deus pretende que o juízo seja de tal magnitude que Ele lhe anunciou a chegada antecipadamente. A solução deste dilema está na separação do juízo em mais de uma fase, sendo a primeira a obra atual do juízo e, a segunda, a execução deste, ou seja, a doação da recompensa. A segunda fase é a única a ocorrer realmente por ocasião do Advento.

A primeira fase do juízo ocorre antes que Cristo volte em glória a este mundo. O exame dos registros, de acordo com as Escrituras, precede o tempo em que os justos entram no Céu. Na verdade, eles sequer estão presentes em seu próprio julgamento! Lemos em Daniel 7:9 e 10: "Eu continuei olhando, até que foram postos uns tronos, e um ancião de dias se assentou; o Seu vestido era branco como a neve, e o cabelo da Sua cabeça como a limpa lã; o Seu trono chamava de fogo, e as rodas dele fogo ardente. Um rio de fogo manava e saía de diante dele; milhares de milhares O serviam, e milhões de milhões estavam diante dEle; assentou-se o juízo, e abriram-se os livros." Os "milhares de milhares" e os "milhões de milhões" na realidade são anjos que são convocados como testemunhas para o juízo. Apocalipse 5:11 fala claramente deles como "anjos". Os justos aparecem no inquérito celestial não de fato, mas por meio dos livros meticulosamente pormenorizados que registram cada ato, palavra e pensamento. Cristo, seu Advogado (I S. João 2:1), surge como seu representante no juízo, de maneira que eles não precisam aparecer em pessoa.

Esta idéia é sustentada por duas fortes linhas de evidências escriturísticas, ambas apresentadas de maneira simbólica. A primeira descrição simbólica do juízo é encontrada na cerimô-

nia do Dia da Expição, a única dos serviços do santuário a culminar no Santo dos Santos (Heb. 9:7). Na verdade, o Dia da Expição era uma descrição figurativa do juízo final: a glória do *Shekinah*, representava a Deus como juiz; a arca do concerto servia de trono do julgamento; as tábuas da lei, eram o padrão do juízo; e o sumo sacerdote, representava Cristo como advogado e salvador. De acordo com esta descrição figurativa do juízo encontrada em Levítico 16, não era permitido crente no próprio santuário, nem mesmo no pátio, durante os serviços do Dia da Expição. Seu caso era levado pelo sumo sacerdote para dentro do Santíssimo, enquanto ele devia aguardar expectante e de maneira penitente, talvez na porta de sua própria tenda ou pelo menos fora da porta que dava para o pátio do santuário. O importante é que o crente não assistia em pessoa ao julgamento.

A segunda descrição figurativa do juízo encontra-se em uma visão descrita em Zacarias 3. A linguagem figurada é a do santuário: nota-se a descrição do candelabro dourado de sete braços (cap. 4:2) e a referência à mitra sacerdotal (cap. 3:5). Josué, o sumo sacerdote, colocasse de pé diante de Deus como o representante do seu povo, enquanto Satanás, parado em sua retaguarda, desfere contra ele um mordaz ataque verbal. A questão é o pecado na vida dos santos de Deus. A solução para este problema é a colocação da veste divina (a justiça de Cristo) em torno do pecador. Dessa forma, a justificação ocorre aqui em um cenário judicial. Na descrição do juízo, feita em Zacarias 3, o pecador mesmo não aparece no tribunal celestial; mas, vicariamente, na pessoa de seu representante, o sumo sacerdote. Assim acontece com o juízo do dia final: "Porque Cristo não entrou num santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, porém no mesmo Céu, para agora comparecer por nós perante a face de Deus" (Heb. 9:24). Graças a Deus, temos um Representante divino para comparecer no juízo em nosso lugar!

A grande maioria dos santos de Deus está repousando em sua sepultura no juízo do último dia que ocorre nas cortes celestiais. Se há alguma credibilidade no texto que diz: "os mortos (entre os quais os justos mortos) não sabem coisa nenhuma" (Ecl. 9:5), então os justos que estão em suas sepulturas aguardando a ressurreição não sabem que estão sendo julgados. Assim como Adão era ainda pó quando Deus es-

tava preparando um lar para ele e formando um mundo perfeito para sua alegria, também a maioria do povo de Deus repousa tranqüilamente no pó, enquanto sua vida está sendo examinada no tribunal divino e seu Autor está preparando um Éden restaurado para eles. Alguns justos estarão vivos no fim do tempo, quando seu caso for passado em revista nas cortes celestiais — as Escrituras dizem que os “vivos”, bem como os “mortos” estão envolvidos no julgamento (II Tim. 4:1).

Em resumo, os grandes temas: criação, redenção e juízo abrangem o escopo da história

humana e a vastidão das atividades de Deus em favor do homem. A criação vindica o grande poder de Deus; a redenção, o infundo amor de Deus; e o juízo, a absoluta justiça de Deus. Deus recebe toda a glória, e Seu Filho todo o louvor, quando termina o juízo, com esta antífona: “Digno é o Cordeiro, que foi morto, de receber o poder, e riquezas, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e ações de graças” (Apoc. 5:12).

Warren H. Johns — Um dos editores de *Ministry*

Santificação: Visto Para o Céu

É possível alcançar a santificação nesta vida, ou é uma experiência viável que se consegue apenas no momento da transformação que os redimidos experimentarão por ocasião da volta de Jesus?¹

Esta pergunta, que vem interessando a muitos há bastante tempo, gera-se na mente daqueles que, humildes e sinceros, resistem à auto-qualificação de santos, diante do reconhecimento de que ainda não se libertaram dos defeitos humanos; ainda mais, quando consideram a relação sinônima entre *santo* e *perfeito* em termos absolutos.

Por definição, *perfeito* “é aquele que tem o maior grau possível de bondade ou excelência em sua conduta”; e *santo*, aquele que é “perfeito e livre de toda culpa”.² Comparando as duas definições, aparecem, claramente, duas conclusões: uma, a sinônima, existe; a outra, nos parâmetros estabelecidos pelas definições, cabe apenas a Deus. Contudo, é Ele quem insistentemente nos chama para a santidade e a perfeição.³ Se faz isto, é porque ambas as qua-

lidades devem ser acessíveis ao homem. Admitida esta conclusão, a inquietude passa a ter relação com o quando e como.

De acordo com a etimologia, verificamos que *santo* (= do latim SANCTUS) é o particípio do verbo SANCIRE (= consagrar)⁴; daí, aceitar também o adjetivo, como acepção significativa: “o que é especialmente dedicado ou consagrado a Deus”.⁵ Por certo, esta definição se aplica melhor à dimensão humana; apesar, porém, desta ligação, é possível que Deus prefira como elementos a Ele consagrados, e chame de *santos*, somente a seres humanos moral e espiritualmente incompletos; a indivíduos imperfeitos — na melhor das hipóteses, perfectíveis?

O X da questão

Talvez esteja aqui, no termo *perfectíveis*, o “X” da questão. Deus nos aceita tais como estamos, tais como somos, para conduzir-nos em e à santidade.⁶ No dicionário do Céu, santificação e perfeição apontam ao mesmo tempo para *processo* e *culminação*. Se quisermos falar

em termos de alcance, podemos dizer que santidade é culminação, e santificação ao processo para aquela.

A idéia de santificação como processo, na experiência cristã, está implícita e/ou explícita na teologia paulina,⁷ na de Pedro⁸ e nas enfáticas declarações do Espírito de Profecia.⁹

Admitir que se chega à santificação vestindo ainda as folhas de figueira é um exercício de fé. Talvez por isso, quando Paulo fala aos romanos a respeito do processo do crescimento e desenvolvimento cristão,¹⁰ baseie suas palavras em duas robustas certezas de fé. Em primeiro lugar: “E sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem...”¹¹; “Se Deus é por nós, quem será contra nós?”¹²

Quando o apóstolo fala sobre o mesmo assunto na primeira carta aos Coríntios, entrelaçados com os degraus de sua escada espiritual, indica um elemento fundamental: Cristo Jesus. Ele é quem viabiliza a santificação como realidade atual e presente, desde o instante em que encontra lugar no coração do homem.¹³ É como se Paulo dissesse: o conhecimento de Deus, que recebemos através de Cristo, abre-nos as portas da vida eterna.¹⁴ Posso atravessá-las, justificado pela fé no perdão e na graça divina e, avançando pelo caminho da santificação diária — que se manifesta na maneira de viver — penetrar afinal e definitivamente na redenção de Deus. Tudo isto, por Cristo, com Cristo e em Cristo.

O visto

A justificação é o passaporte que habilita para a viagem; a santificação, o visto para entrar na pátria celestial.

Obtém-se o visto no país de residência, e significa que o titular do passaporte está apto para o país de destino. Assim também na experiência cristã. Devemos aprender a ser santos, e a viver como santos enquanto estivermos neste mundo. De maneira maravilhosa, estas consequências podem ser atingidas não como resultado de nosso esforço, mas porque Deus as operará em nós, se tão-somente o permitirmos.

Este pensamento está magnificamente compreendido no âmago teológico da primeira das epístolas adventistas, a carta dirigida aos fiéis de Tessalônica:

“E O MESMO SENHOR DE PAZ VOS SANTIFIQUE EM TUDO; E TODO O

VOSSO ESPÍRITO E ALMA, E CORPO, SEJAM PLENAMENTE CONSERVADOS IRREPREENSÍVEIS PARA A VINDA DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO.”¹⁵

Desde o verso 12, Paulo vinha desenvolvendo o tema em torno da importância decisiva que tem para o homem, para seu preparo para o encontro com Deus, a santificação. Em outras palavras, o grande pano de fundo do texto é a segunda vinda de Cristo, e o assunto principal, a santificação total do ser.

“E O MESMO SENHOR DE PAZ...” O apóstolo não pergunta ou questiona se a paz pode ou não ser uma característica de Deus. Ele a tem como certa. O sentido claro da expressão paulina indica fortemente que, assim como o amor, a paz é uma das facetas do caráter divino; da natureza divina. Paulo diz: Deus é paz e, portanto, quando Se aproxima do homem, mesmo de Seus filhos mais rebeldes, fá-lo comunicando verdadeira paz. Lembra as palavras de Jesus: “Deixo-vos a paz, a Minha paz vos dou; não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize.”¹⁶

“VOS SANTIFIQUE...” Este é o verbo-chave de toda a declaração paulina. O verso todo é uma oração evidente, que coordena dois grandes assuntos enunciados quase no estilo poético hebraico do paralelismo sinônimo. Gramaticalmente, ambos os componentes da expressão se igualam em importância; contudo, quanto à idéia, o verbo santificar tem preeminência, por ser enunciado em primeiro lugar. Dele ressalta o fato de que a santificação é dom de Deus, não uma conquista humana.

“EM TUDO...” Da própria estrutura do desejo expresso, é evidente que a santificação não nos é imposta, mas outorgada. E outorgada plenamente, para que nos envolva por completo. Talvez seja este o grande segredo do êxito da vida do cristão. O vocábulo grego usado (*holoteles*) envolve perfeição, algo completo até o fim. Porque a verdadeira santificação abrange o ser todo. Não deixa parte alguma fora do seu alcance.

Aí termina a oração. O apóstolo poderia ter colocado o ponto final. Não o fez, porém. Talvez o Espírito Santo o tenha inspirado a ser mais específico. Muda então a pontuação, e reitera, acrescentando:

“E TODO O VOSSO ESPÍRITO, E ALMA, E CORPO...” Esta tripartição antropológica não

é comum nos escritos paulinos. É muito mais comum a bipartição corpo e espírito.¹⁷ Por que esta mudança em seu estilo? Acreditamos que haja um propósito.

ESPÍRITO — (do grego = *pneuma*) refere-se à inteligência. Deus, por meio de Seu Espírito, fala ao nosso intelecto. O próprio Paulo mostra, na epístola aos Romanos, que a transformação necessária para assimilar a boa vontade de Deus em nosso favor, só é alcançada pela renovação da mente, do entendimento.¹⁸

ALMA — (do grego = *psiquê*) é a parte do ser que dá expressão aos instintos, desejos e sentimentos. Esta parte da natureza do homem também deve ser santificada. Por meio do Espírito Santo, a mente do ser humano é posta em conformidade com a mente de Deus e, santificada, a razão prevalece sobre a natureza inferior, que se opõe a Deus, sujeitando-a a Sua vontade. Dessa maneira, pode o cristão humilde chegar a um grau tão elevado de santificação que, quando obedece a Deus, cumpre ou satisfaz seus próprios impulsos. Deleita-se em fazer a vontade divina, porque esta é sua própria vontade.

CORPO — (do grego = *soma*) é um instrumento com o qual o cristão ativo serve a seu Senhor. É o templo do Espírito Santo;¹⁹ logo, deve ser santificado. É ele que, mais do que a inteligência ou os impulsos, manifestará a santificação da vida. Nunca, porém, será santificado, se não o forem espírito e alma.

Não há, no triplo enunciado de Paulo, uma simples maneira de falar; há um preciso e precioso encadeamento. Este enunciado se acha estabelecido racional e logicamente em uma seqüência gradual de causa e efeito sagrados.

“SEJAM PLENAMENTE CONSERVADOS...” Conservados ou preservados sugerem, na linguagem de Paulo, que a santificação cuida da pessoa santificada, protege-a e a resguarda.

“IRREPREENSÍVEIS...” Naturalmente, quando a santificação se manifesta na vida, esta não apresenta repreensão. Não tem manchas nem rugas. É limpa para a glória de Deus. Acha-se livre de toda condenação.²⁰

“PARA A VINDA...” Aqui está o grande pa-

no de fundo — o tema central das duas epístolas aos tessalonicenses. A promessa da Segunda Vinda de Cristo ilumina a história bíblica de um ao outro extremo. Apenas sete gerações depois da entrada do pecado no mundo, quando o próprio Adão ainda vivia, um de seus descendentes já pregava com ardor a segunda vinda.²¹ Depois, os fiéis filhos de Deus recordaram com devoção o mesmo acontecimento no cerimonial da expiação; Jesus a tornou o grande tema de Sua pregação, e empenhou Sua palavra na forma de uma promessa;²² os anjos a reiteraram;²³ e o apóstolo dos gentios proclamou este ensino e nele confiou.²⁴

“DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO.” Este é o centro perfeito. A magnífica declaração que comentamos, termina incluindo a figura central da história da redenção. Sem Ele, a santificação seria impossível e sem sentido. Porque “nEle vivemos, e nos movemos, e existimos”.²⁵ Porque “Cristo é tudo em todos”.²⁶ Porque Ele foi feito para nós “sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção”.²⁷

1. I Cor. 15:51-53.

2. *Dicion. da Língua Espanhola* — Real A. Española.

3. Êxo. 19:5 e 6; Lev. 11:44 e 45; 19:2; S. Mat. 5:48.

4. *Dicion. Etimológico da Língua Castelhana* — J. Corominas.

5. *Dicion. da Língua Espanhola* (Real Academia Española).

6. S. Mat. 11:28-30.

7. Rom. 8:28-31.

8. II S. Ped. 1:3-12.

9. E. H. Adv. 12; 286; 486; D. T. G., 99; 278; H. Ap. 42, 46 e 47; 461-463; C. C., 59; 69; 82.

10, 11 e 12. Rom. 8:28-30.

13. I Cor. 1:30.

14. S. João 17:3.

15. I Tess. 5:23.

16. S. João 14:27.

17. Rom. 8:10; I Cor. 5:3; 7:4.

18. Rom. 12:2.

19. I Cor. 6:19; 3:16.

20. Rom. 8:1; S. João 5:24.

21. S. Judas 14.

22. S. Mat. 24; S. Mar. 13; S. Luc. 21; S. João 14:1-3.

23. Atos 1:11.

24. I Cor. 15; I e II Tessalonicenses; II Tim. 4:1-7; Tito 2:11-14.

25. Atos 17:28.

26. Col. 3:11.

27. I Cor. 1:30.

Prof. Juan Carlos Bentancor
— Formado em Teologia

